
Memórias de Empoderamento Feminino a partir de Políticas Públicas de Preservação da Renda de Bilro

Female Empowerment Memories based on Public Policies for the Preservation of Bobbin's Lace

Memorias de Empoderamiento Femenino a partir de Políticas Públicas para la Preservación del Encaje de Bolillos

Pacheco, Flávia Lopes¹ (Aracaju, SE, Brasil)
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9925-8778>

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender a relação entre políticas culturais, transmissão de saberes e desigualdade de gênero no campo do artesanato. Para isso, foram entrevistadas mulheres que trabalham com renda de bilro no município de Poço Redondo, no estado de Sergipe. Este trabalho foi feito a partir de pesquisa documental e o relato oral de algumas rendeiras sobre si mesmas e sua relação com a produção de renda de bilro no município e de como este trabalho, desenvolvido conjuntamente com uma série de políticas públicas federais, estaduais e municipais, influenciou suas vidas. Como resultado, foi possível perceber que as ações públicas envolvidas na transmissão dos saberes artesanais das rendeiras foram essenciais no aumento do empoderamento e na melhoria das vidas das mulheres entrevistadas.

Palavras-chave: Empoderamento. Artesanato. Políticas Públicas. Cultura Popular.

Abstract

This work aims to understand the relationship between cultural policies, knowledge transmission and gender inequality in the field of handicraft. For this, women who work with bobbin lace in the municipality of Poço Redondo, in the state of Sergipe, were interviewed. This work was based on documentary research and the oral report of some lacemakers about themselves and their relationship with the production of bobbin lace in the municipality and how this work, developed in conjunction with a series of federal, state and municipal public policies, influenced their lives. As a result, it was possible to see that the public actions involved in the transmission of the artisanal knowledge of the lacemakers were essential in increasing empowerment and improving the lives of the women interviewed.

Keywords: Empowerment. Craftsmanship. Public Policy. Popular Culture.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo comprender la relación entre las políticas culturales, la transmisión del conocimiento y la desigualdad de género en el campo artesanal. Para ello, fueron entrevistadas mujeres que trabajan con encaje de bolillos en el municipio de Poço Redondo, en el estado de Sergipe. Este trabajo se basó en una investigación documental y el relato oral de algunas encajeras sobre sí mismas y su relación con la producción del encaje de bolillos en el municipio y cómo este trabajo, desarrollado en conjunto con una serie de políticas públicas federales, estatales y municipales, influyó en su vida. Como resultado, fue posible percibir que las acciones públicas involucradas en la transmisión del conocimiento artesanal de las encajeras fueron fundamentales para aumentar el empoderamiento y mejorar la vida de las mujeres entrevistadas.

Palavras-Clave: Empoderamiento. Artesanía. Políticas públicas. Cultura popular.

Introdução

Este artigo é fruto da minha tese de doutorado, defendida no início de 2019 e que tinha como interesse, compreender a relação entre políticas culturais, transmissão de saberes e desigualdade de gênero no campo do artesanato. Para isso,

¹ Professora adjunta do curso de Secretariado Executivo da Universidade Federal de Sergipe (DSE/UFS) e do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Culturas Populares (PPGCULT/UFS). E-mail: flavinhalp@academico.ufs.br

foram entrevistadas mulheres que trabalham com renda de bilro no município de Poço Redondo, no estado de Sergipe.

Então, o trabalho a ser apresentado, envolve uma discussão de gênero e políticas públicas, levando em consideração a importância que as últimas têm para a melhoria das condições de vida da sociedade. Além disso, será apresentada uma análise de como o trabalho artesanal de produção da renda de bilro se tornou alvo de políticas públicas no município de Poço Redondo, interior do estado de Sergipe. Bem como serão apresentados alguns relatos das rendeiras entrevistadas sobre a influência das políticas públicas e do trabalho com a renda de bilro em suas vidas.

A reflexão sobre as experiências de mulheres que atuam no campo da cultura popular constitui uma modalidade de conhecimento reveladora de um sistema coletivo de entendimento ou consenso. Assim, entendo que a análise das relações sociais de gênero está fundamentada na compreensão de que as distinções entre trabalhadoras/es mulheres e homens são resultado de construções culturais, são produto da cultura e não decorrem de dados biológicos. Por conseguinte, a dominação, com base no princípio patriarcal veiculado pela difusão da valorização da figura masculina, encontra suas origens e sua função na cultura atual, nos valores, na institucionalização de normas sancionadas pela coletividade, nas regras de comportamentos, nos estilos de comunicação, no sistema informal de relacionamentos identificados e fundados nas experiências dos homens, vinculadas por relações hierárquicas de poder desfavoráveis ao gênero feminino.

Neste sentido, considere fundamental conhecer o que estão fazendo as mulheres no campo da cultura popular e o que de fato estão fazendo as mulheres para além dos papéis tradicionais de esposas e mães donas de casa, toda essa reflexão pensada a partir da implementação de políticas públicas culturais e o quanto foi possível, para essas mulheres, modificarem seu cotidiano.

O objeto deste estudo, em seu plano teórico e prático, ressalta as experiências de mulheres que atuam em organizações de cultura popular, entendidas como sujeitos da história, para explicar a realidade em que se acham inscritas, elaborando uma fala própria sobre si mesmas. A partir das memórias das mulheres envolvidas nessas políticas públicas e seus relatos a respeito de suas experiências de empoderamento mediante seu trabalho com cultura popular é que se encontra o foco principal deste artigo.

ARTESÃS E POLÍTICAS PÚBLICAS

Essa pesquisa analisa o período de 2001 a 2018 e indica que, mesmo com as ações de redução de pobreza, de melhoria de acesso à educação, cultura e saúde para as populações excluídas, 1% da população mais rica detém 30% da renda do país (BORGES, 2017). A desigualdade ainda é evidente se levarmos o aspecto econômico em consideração.

Outro dado, que cabe analisar é que, apesar das pesquisas apontarem um recente aumento no número de mulheres nos postos de trabalho e melhoria nos índices de escolaridade, é crescente também a quantidade delas que trabalham sem carteira assinada, em condições precárias, sem remuneração ou aquelas que trabalham para o próprio consumo e o familiar, principalmente no setor agrícola (BRUSCHINI, 2007).

Além disso, houve um aumento da carga de trabalho feminina, considerando que, apesar das mulheres terem conquistado o espaço público, ainda cabe principalmente às mulheres, a tarefa dos cuidados com a casa e criação dos/as filhos/as, o que demonstra que, apesar dos avanços, a divisão sexual do trabalho doméstico e sua atribuição às mulheres continuou intacta, o que nos leva a entender que há uma relação entre o trabalho doméstico e a afetividade, que parece estar no centro dessa permanência (HIRATA, 2001).

Dentre as inúmeras áreas nas quais as mulheres se encontram está o campo cultural, em especial do artesanato. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), fica evidente a prevalência de mulheres que trabalham com artesanato, já que, em 2007, os dados apresentados por esse instituto, revelaram que o Brasil possui mais de 8,5 milhões de artesãos/ãs, dos/as quais 87% são mulheres. De modo que podemos dizer que o artesanato é um setor eminentemente feminino e, junto com as características de gênero, relacionadas ao saber artesanal, está também a desvalorização do trabalho da mulher artesã.

Ainda é preciso destacar que o trabalho artesanal normalmente é feito dentro do ambiente doméstico e as mulheres não precisam participar do espaço público para contribuírem financeiramente no orçamento, mantendo-se em casa, nas tarefas do lar e o cuidado com as crias. O saber artesanal assim, normalmente é

passado de mãe para filha, de forma que o conhecimento se mantém vivo por meio dessa transmissão de saberes.

Porém, se levarmos em consideração que enquanto a indústria e o capitalismo evoluíam, a atividade artesanal passou por mudanças, de modo que pudesse atender melhor a expectativa do mercado (TAVARES; PADILHA, 2016), e alguns trabalhos artesanais perderam espaço nesse ambiente de mercado, é possível que algumas tradições sejam colocadas de lado e, com isso, algumas manifestações artísticas e culturais podem morrer.

Para evitar que essas tradições sejam extintas, o Estado pode agir de modo a incentivar a preservação do artesanato ou de qualquer outra manifestação da cultura popular, através de projetos que desenvolvam ações que possibilitem a transmissão dos saberes dos mestres e mestras do conhecimento popular.

O campo cultural surge como um importante espaço de debate, principalmente quando tratamos de cultura popular, que normalmente está relacionada ao trabalho de um grupo econômica e racialmente excluído. Ao analisar as relações de gênero, a partir das trajetórias de lideranças de organizações de cultura popular, esta pesquisa tentará demonstrar como a cultura faz da educação um mecanismo poderoso na demarcação dos lugares e das diferenças entre os gêneros.

Percurso Metodológico

Esta pesquisa se configura como um estudo de caso qualitativo, já que foi realizada uma pesquisa nas experiências de mulheres que atuaram/atua em no município de Poço redondo e foram beneficiadas por políticas públicas para preservação da rede de bilro naquele lugar.

Os estudos de caso qualitativos são caracterizados através da busca pelos significados e compreensão dos mesmos, relacionando-os a contextos e experiências através do uso da estratégia indutiva, já que o/a pesquisador/a é o instrumento primário da coleta e análise dos dados e o resultado final ser apresentado de forma ricamente descritiva (MERRIAM, 2009; STAKE, 2005). Foi realizada assim uma pesquisa bibliográfica, onde foram encontrados, nesta pesquisa, artigos relacionados ao processo de quase extinção e implementação de políticas públicas para a preservação da renda de bilro no município de Poço Redondo. Esses trabalhos, em especial, foram de grande importância para a compreensão do campo da pesquisa e

complementação das informações dadas pelas entrevistadas, levando em consideração o caráter histórico das mudanças ocorridas na comunidade.

Também foram coletados dados primários, como os resultados de pesquisa do IBGE, do SNIIC, do PNUD a respeito do Estado de Sergipe e, em especial, do município de Poço Redondo. Assim, foi possível conhecer um pouco sobre a região onde a pesquisa foi inserida e o contexto em que aquela sociedade vive, para que a análise fosse realizada colocando esses aspectos em observação.

No que diz respeito à observação, ela foi realizada a partir do momento em que iniciei o contato com os agentes que compõem o campo. No entanto, apesar de reconhecer que a simples presença da pesquisadora é capaz de modificar a realidade, esta não será uma observação participante. Fiz anotações e tirei fotos das atividades realizadas pelo ponto de cultura, mas não intervi em suas ações em momento algum. Além disso, algumas das entrevistas foram realizadas em lugar diferente ao do ponto de cultura e minhas observações/reflexões, foram explicitadas durante a análise dos dados e, em especial, das entrevistas.

Conforme Cleiciele Augusto e colegas (2013), a observação é um método de análise visual que ocorre através de uma aproximação com o ambiente natural em que um determinado fenômeno ocorre, a fim de se aproximar da perspectiva dos sujeitos investigados. Para que ocorra de forma adequada é necessário que seja elaborado um planejamento cuidadoso do trabalho a ser realizado.

Ainda foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as três principais coordenadoras das ações do Ponto de Cultura Na Trilha do Sertão e com três das principaisicineiras que foram beneficiadas pelas políticas públicas e ocorreram no período de outubro de 2017 a janeiro de 2018.

A fim de preservar todas as entrevistadas, seus nomes foram alterados e, para substituí-los, preferi renomeá-las, deixando de lado termos como: Entrevistada 1, 2 ou 3. E, para que as memórias dessas mulheres estivessem atreladas a nomes que fizessem sentido nesse trabalho e ao contexto do sertão sergipano, onde a história dessas mulheres foi contada, escolhi o nome de cangaceiras que faziam parte do grupo de Lampião, que morreu justamente, em Poço Redondo.

Fundamentação Teórica

Pode-se dizer que o problema da inserção da mulher no mercado de trabalho e da política é crucial para sua emancipação e precisa ser encarado numa perspectiva mais abrangente. Alguns pesquisadores brasileiros, inclusive, apontam a necessidade de se redefinir o conceito de trabalho, tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista operacional, de forma a incluir o trabalho doméstico de mulheres, por muito tempo alijado das teorias econômicas, preocupadas, essencialmente, com formas monetarizadas de produção (CRUZ, 2005).

Para Helleith Saffioti (1997, p. 61), os processos de subjetivação-objetivação estão constantemente sujeitos a capacidade-incapacidade de apropriação dos frutos da práxis humana por parte dos sujeitos, não somente em virtude da sociedade estar dividida em classes sociais, mas também por ser ela atravessada pelas contradições de gênero e raça/etnia. A autora não concebe, contudo, esses três ordenamentos das relações sociais como complexos, que correm paralelamente, de forma que são três antagonismos fundamentais que se entrelaçam “de modo a formar um nó”, que põe em relevo as contradições próprias de cada ordenamento das relações sociais e que as potencializa, apresentando este nó uma lógica contraditória.

As estruturas de poder no âmbito das políticas culturais podem ser analisadas sobre múltiplas formas. A cultura continua a ser um conceito vivo e dinâmico, num contexto em que a crise generalizada tem facilmente servido como álibi para o desenvolvimento político e financeiro.

Neste sentido, a inserção da abordagem de gênero nas ações de políticas públicas, especialmente as que atuam com mulheres, constitui um aspecto importante de ampliação das possibilidades de equidade e empoderamento. Assim, é possível intuir que, ao estar empoderada, a pessoa é capaz de afirmar-se perante um grupo de forma autônoma e consciente, e decidir ou participar das decisões a respeito de sua vida, de forma a melhorar sua qualidade de vida, a partir de uma visão mais crítica da realidade e da precariedade, subordinação, dominação e discriminação em que muitas vezes se encontra (LEÓN, 1997).

Para Charliton Machado, Idalina Santiago e Maria Lúcia Nunes (2010), os estudos que tratam da problemática de gênero relacionadas às práticas culturais têm contribuído significativamente para a profundidade teórica reflexiva, possibilitando entender as transformações constitutivas de relacionamentos e estilos de vida em

uma determinada época e espaço. Dito isto, o autor e suas colegas propõem que face às exigências de uma nova realidade, é necessário que haja uma ampliação das reflexões e discussões teórico-metodológicas e pesquisas relacionados à problemática de gênero, de modo a abrir um espaço interdisciplinar para a diversidade de opiniões, práticas e saberes sobre gênero, oriundos dos diferentes lugares sociais ocupados pelos sujeitos dispostos ao debate.

Resultados alcançados

Uma pesquisa desenvolvida em 2002 por Beatriz Góes Dantas, na época professora de Antropologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), identificou que a prática de produzir peças em renda de bilro estava em vias de acabar, considerando que as rendeiras que ainda produziam durante o estudo já estavam com idade avançada e, ao mesmo tempo, as meninas mais novas da cidade já não tinham mais interesse no aprendizado das peças, pois além de muito trabalhosa, não traziam um retorno financeiro (DANTAS, 2006).

A transmissão desse saber dentro do ambiente doméstico - modo milenar e tradicional de transmissão de conhecimento, em especial, do conhecimento em cultura popular - foi interrompido, segundo Beatriz Dantas (2006) pela modernidade e pela nova forma de viver imposta pela sociedade às mulheres e pela desvalorização dessa atividade, refletida nos baixos preços pagos a um trabalho que necessita de muito tempo, conhecimento e domínio da técnica para ser realizado.

A partir daí, uma série de ações foram desenvolvidas pela prefeitura do município, governo do Estado e outras instituições públicas, como a própria universidade, e outras instituições privadas, a fim de buscar formas de evitar que a arte (e sua produção) fosse extinta no município. No entanto, estas ações não possuíam apenas o caráter cultural, mas também uma busca em melhorar os Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do município que, apesar de ser o maior do Estado de Sergipe, possuía, na época, o menor IDH.

É importante salientar também que Poço Redondo se encontra na região do Agreste Sergipano, tendo como ponto turístico a rota lampiônica, já que foi na Gruta de Angicos, situada no município, que Lampião e seu bando foram mortos. Além disso, a presença do bando ainda se faz presente no imaginário e memórias das pessoas

mais velhas da cidade que, inclusive, tem como moradora, a neta de Lampião e Maria Bonita.

Sobre Poço Redondo

Para apresentar Poço Redondo, é importante apontar que é um município localizado no sertão do menor estado do Brasil, Sergipe, localizado a 184 km de distância da sua capital, Aracaju. Está inserido na região semiárida do Nordeste brasileiro, mais especificamente na microrregião do Sertão do São Francisco, na mesorregião do Sertão Sergipano e seu limite é feito a noroeste com o Estado de Alagoas e a sudoeste com o Estado da Bahia, ambos por meio do Rio São Francisco, ao sul e leste com o município de Porto da Folha e a oeste e norte com Canindé do São Francisco.

Possui, de acordo com dados do último censo demográfico, uma população estimada para 2018 de 34.412 pessoas – em 2010 o número de habitantes era 30.884 (IBGE, 2010), sendo o 17º município mais populoso do Estado, mas com o menor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil, com um IDH de 0,529, o município possui um IDH baixo (entre 0,500 e 0,599) e a dimensão que mais contribui para o IDH do município é Longevidade, com índice de 0,760, seguida de Renda, com índice de 0,519, e de Educação, com índice de 0,376 (ATLAS BRASIL, 2018).

Ao mesmo tempo, os dados apontam que entre 2000 e 2010 o IDH do município passou de 0,363 para 0,529, o que demonstra uma taxa de crescimento de 45,73%. Nesse período, a dimensão cujo índice mais cresceu em termos absolutos foi Educação (com crescimento de 0,191), seguida por Longevidade e por Renda. No entanto, apesar de ter melhorado o seu índice de vulnerabilidade, Poço Redondo permanece ainda como um município de pessoas que carecem de ações públicas mais efetivas para a redução da vulnerabilidade social, que ainda é alta.

É possível identificar que, justamente no período em que as ações públicas voltadas à catalogação, ensino e transmissão da renda de bilro aconteceram, há uma melhora significativa nos índices de desenvolvimento no município. Desta forma, tentarei apresentar brevemente um pouco desse processo.

É importante entender que os trabalhos em renda de bilro de Poço Redondo são feitos a partir de almofadas e vários espinhos de mandacaru que dão

forma ao desenho, que são traçados com linhas que possuem bilros de madeira nas pontas. Em outras localidades é comum utilizar agulhas, mas para as rendeiras, os espinhos são melhores, pois existem em abundância e não enferrujam. Com a renda, as mulheres do sertão do médio São Francisco sergipano arcavam com o custeio de pequenas despesas e auxiliavam no orçamento doméstico.



Figura1 - Almofadas de renda de bilro com espinhos de mandacaru

Fonte: Foto à esquerda Arquivo da pesquisadora e à direita Marina Zacchi (2013, p.23)

Foi durante essa pesquisa que Beatriz Dantas entrevistou cerca de 20 rendeiras no município, que culminou em um livro, publicado em 2006. Logo em sua introdução, a autora afirma que seu livro servia como uma contribuição para o registro do trabalho com renda de bilro, mas que, além disso, tinha pretensões de servir como uma colaboração entusiástica a fim de impedir o desaparecimento da atividade.

E foi através dos resultados de sua pesquisa que o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Sergipe (Sebrae/SE), em parceria com o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) do município e a antiga Secretaria de Estado de Combate à Pobreza ofereceram os primeiros cursos de renda de bilro para os integrantes do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) (SEBRAE, 2011). Dessa forma, conseguiram um espaço, recursos materiais, bolsas para as rendeiras antigas, de forma que elas pudessem transmitir a arte de fazer renda para as jovens de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família a partir de 2006.

A Memória das Rendeiras

Utilizo aqui, partes das memórias das rendeiras entrevistadas, pois entre o que está escrito em artigos e reportagens da época, suas falas ajudam a compreender

melhor o contexto e o movimento de tentativa de diversas organizações de preservar e ajudar a comercializar e divulgar o artesanato em Poço Redondo, em especial ao que diz respeito à produção de renda de bilro.

Nessa época, as rendeiras experientes recebiam um auxílio para ensinar a renda de bilro para as meninas mais novas e, como forma de incentivo, essas alunas também recebiam uma pequena remuneração, visando estimular as mais jovens ao aprendizado o trabalho artesanal com a renda, no intuito de não deixar a arte morrer. Assim, Maria Bonita, junto com as outras rendeiras mais antigas, transferiam seus saberes para as novas gerações, tornando possível a preservação da cultura daquela comunidade.

No entanto, para Maria Bonita, as meninas que aprenderam o ofício, em sua grande maioria, não se interessaram em continuar produzindo a renda. A exceção é Dadá e sua filha que, até hoje, junto com ela e mais outras três rendeiras, mantêm uma produção constante de venda de renda de bilro, seja na Associação dos Artesãos do Município, seja vendendo sob encomenda.

Nessa época, em Poço Redondo, foram disponibilizadas 20 vagas para pessoas de baixa renda e participante do Programa Bolsa Família, mas como uma ficou sobrando e o coordenador do projeto percebeu o interesse de Dadá em participar da turma como aluna, permitiu que ela fizesse o curso, mesmo sem preencher os requisitos. Atualmente ela é uma das rendeiras mais conhecidas de Poço Redondo (ZACCHI, 2013).

Então, em 2007, a mesma pessoa que lhe deu oportunidade de fazer o curso, fez convite para que ela fosse oficinaira no município de Sítios Novos. Como ela ainda não se sentia segura para isso, chamou uma das rendeiras antigas com ela, que, segundo Marina Zacchi (2013), foi Dona Mariquinha. Em sua fala, Dadá diz:

Era R\$ 400,00 pra nós duas, ainda pagava passagem pra ir pra Sítios Novos. E quando recebia ainda tinha que pagar passagem pra ir pra Canindé trocar o cheque, que era um cheque. Na cooperativa dos bordados a gente ensinava renda de bilro, isso em 2007 a gente ensinou renda de bilro pela Ação Social daqui mesmo (DADÁ, EM ENTREVISTA).

Depois, em 2008, uma nova etapa do projeto aconteceu e, segundo o Sebrae (2011), dessa vez 18 foram as mulheres capacitadas, mas ainda havia uma preocupação que era estimular a geração de renda através desse trabalho. Para isso, o Sebrae viabilizou a contratação de um designer, com o intuito de ensinar as

mulheres a produzir peças mais comercializáveis no mercado. Assim, as rendeiras passaram a elaborar presilhas, diademas, passadeiras, tiaras, bolsas, carteiras e várias outras peças que passaram a ser vendidas para os próprios moradores do município e no Centro de Artesanato de Piranhas.

Além disso, o Sebrae também montou cursos de atendimento ao cliente, formação de preços, empreendedorismo e associativismo, tornando possível o surgimento da Associação dos Artesãos do Município de Poço Redondo, que passou a defender os interesses da categoria (SEBRAE, 2011). Nessa nova etapa, apenas Dadá deu aula para a nova turma com meninas e senhoras.

Nesse caso, pelas próprias características das organizações envolvidas e cursos ofertados, parece ficar claro que o principal intuito do projeto ter sido implementado no município tem a ver com o interesse do Estado em diminuir os índices de pobreza enxergando no artesanato uma alternativa de sobrevivência para o enfrentamento do desemprego e da precarização nas relações de trabalho.

Em 2009, deu-se início a um novo trabalho, sempre no intuito de, não apenas manter vivo o patrimônio histórico que, neste caso, é a produção de renda, seja pela transmissão do saber fazer, como também para tornar o ofício sustentável, possibilitando que as aprendizes mantivessem o interesse em se aprimorar na técnica, a fim de tornar o seu trabalho artesanal em gerador de renda. Neste sentido, surgem no Brasil alguns projetos, programas e leis com o intuito de preservar e manter o nosso patrimônio cultural.

Um desses programas, e que teve sua implementação no município de Poço Redondo foi o PROMOART (Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural), desenvolvido pela Associação Cultural de Amigos do Museu do Folclore Edison Carneiro (ACAMUFEC) em parceria com o Ministério da Cultura e com a Universidade Federal de Sergipe. O PROMOART adquiriu linhas para as oficinas de renda de bilro, montou oficinas de repasse do saber, tendo duração de seis meses e atendendo jovens da comunidade, também proporcionou oficinas de gestão da produção, da comercialização, formação de preço e capital de giro para as integrantes da cooperativa das bordadeiras de Sítios Novos e criação de identidade visual, entre outras atividades (SANTOS; BEZERRA, 2013).

Dadá se tornou agente local do programa e, de acordo com Marina Zacchi (2013), ela que ficou responsável por montar uma turma de quatorze garotas, a maior

parte com idade entre 12 e 16 anos. A autora ainda afirma que as rendeiras antigas como: Mariquinha, Maria Bonita, Osana e Verônica foram as instrutoras nesse processo que durou aproximadamente um ano, em que se reuniram na sede do Ateliê do Cangaço. Na figura a seguir, é possível ver as rendeiras mais velhas ensinando as meninas mais jovens o trabalho com rendas de bilro.



Figura 2 – Oficina de Renda de Bilro

Fonte: Marina Zacchi (2013, p. 26)

Ainda no contexto do Promoart, Dadá fez parte da Caravana Brasil, que levou um grupo de artesãos de todo o país para conhecer lojas e centros de comercialização de artesanato em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro; também fez parte do Mercado Brasil de Rendas e Bordados, em Brasília, e do Mercado Brasil, no Rio de Janeiro. Nesses eventos, ela pôde conhecer rendeiras de diferentes regiões do Brasil e trocar experiências, modelos de renda e ideias (ZACCHI, 2013).

Logo depois, ainda em 2010, o Ministério da Cultura, em parceria com a Secretaria de Cultura do Estado de Sergipe, lançou um edital do Programa Cultura Viva, com o intuito de disponibilizar recursos para a criação de pontos de cultura no Estado.

Nessa época, a fim de manter o trabalho de transmissão do saber artesanal da renda de bilro, a Associação de Artesãos do Município chegou a elaborar um projeto para participar do edital. No entanto, como essa ainda era uma organização muito nova e não preenchia os requisitos necessários para aprovação, este projeto acabou por ser cooptado pela Fundação Dom José Brandão de Castro que, a partir de então, denominou-se Ponto de Cultura Na Trilha do Sertão, e que trabalhava no

intuito de fortalecer a identidade sertaneja através da estética e o imaginário do cangaço.

Entre outras ações e objetivos do Ponto de Cultura, o principal deles estava atrelado à transmissão do saber da renda de bilro e, posteriormente, seu trabalho será explicado com mais detalhes. Inicialmente, adolescentes e jovens do município foram capacitadas em julho de 2011. Em entrevista publicada pelo Instituto Marcelo Deda, a coordenadora do Ponto de Cultura, Sebastiana, disse que para que o trabalho fosse realizado, foi preciso vencer o preconceito das meninas. Segundo ela:

Além de acharem que era coisa de velha, elas não queriam andar com a almofada de bilro nas pernas, elas achavam feio. Então, para acabar com isso, nós criamos um suporte onde elas colocam a almofada em cima. Após essa adaptação, até as rendeiras antigas também gostaram e aderiram ao suporte (INSTITUTO MARCELO DEDA, 2012).

Com essa fala, podemos identificar também que a questão de trabalhar com a renda de bilro está relacionada não apenas com a questão de gênero, sendo normalmente um trabalho considerado feminino, mas também, no caso de Poço Redondo, uma questão geracional e uma construção da identidade das idosas da cidade. Como, por muitos anos, a arte de produzir renda deixou de ser algo passado de mãe para filha, perdeu valor mercadológico e, ao mesmo tempo, era feita apenas por mulheres idosas da cidade, acabou sendo diretamente relacionado com a idade da rendeira. Isso pode ser identificado na fala de Dadá, ao retratar a vivência de sua filha mais velha que também aprendeu e desenvolve, junto com a mãe, peças de renda. Segundo ela:

Ela (a filha) gostava de fazer assim... Eu fazia na porta, sentada assim e ela fazia na calçada. E aí passava... passaram um pessoal e disse: - "Olha só a velhinha fazendo renda" – Nossa! Ela catou a almofada, jogou dentro do quarto e disse: - "Eu não faço mais!". E eu: - "Minha filha, feliz daquele que fica velho um dia, a pessoa ser chamada de velho é um elogio, que você um dia vai ficar velha. Quem não quer ficar velho vai morrer cedo". Aí ela: - "Faço mais não, faço mais não, faço mais não". Guardou a almofada pra lá e: - "Não quero mais e pode botar daqui essa almofada, que eu não faço mais". Passado mais um tempo... aí ela via, né? Eu sempre ganhando um dinheirinho, uma coisinha e outra aí ela foi voltando a fazer de novo. Eu comecei a participar da Trilha e ela ia mais eu, né? E aí as meninas: - "Naninha, ajude aqui e tal" e ela foi voltando. Muitas jovens da idade dela, as amiguinhas dela do colégio via ela fazendo renda: - "Ah! Naninha, eu também quero, eu vou lá e você vai ter que me ensinar!". E ela ia, ensinava as meninas. E aí pronto! Agora ela já não se importa mais em ser chamada de velha não.

Então, o desafio em transmitir os saberes da arte de renda de bilro estava incluído também em motivar às moças mais jovens a aprender o ofício e permanecer nele. Não apenas pelo aspecto mercadológico de venda do que era produzido, mas também pelo preconceito que o aspecto da geração causava na sociedade. As jovens eram desestimuladas pela própria comunidade, como no caso da filha de Dadá, a exercer a função de rendeira, sob a pena de ser taxada de velha.

As jovens eram o público alvo inicial do Ponto de Cultura, mas não apenas elas. As aulas eram destinadas à juventude do município, o que despertou interesse de dois meninos que, ao verem suas mães indo realizar os cursos, sentiram o interesse também em aprender um pouco do trabalho com a renda de bilro. Ambos os meninos, passaram a fazer o curso junto às suas mães e um deles, inclusive, tornou-se oficineiro em atividades posteriores do trabalho do Ponto de Cultura. No entanto, segundo suas mães, isso não ocorreu sem que houvesse preconceito. Segundo Noca:

Agora a gente tá lutando contra um problema mais sério: a sociedade, o preconceito. E o preconceito é mais familiar que da sociedade sobre os homens que tão fazendo renda. E nós tá lutando contra isso. Inclusive Rosalina é professora nisso. Os homens não se importam com o que os outros dizem, eles têm que fazer o que a vontade pedir. Aí a gente tá lutando é contra isso.

Com essa fala, percebemos os traços demarcados de gênero que influenciam não apenas as mulheres, mas também os homens, já que qualquer atividade que seja considerada como feminina, como é o caso da renda, não pode ser realizada por homens ou estes serão proibidos ou desestimulados ao aprendizado.

Em Poço Redondo, em 2014 foi iniciado um trabalho com as rendeiras pelo Governo de Sergipe e Sebrae, em parceria com o Instituto de Pesquisas em Tecnologia e Inovação (IPTI), que buscou capacitar as mulheres rendeiras para o que denominam desenvolvimento social e econômico sustentável. Com essa iniciativa, segundo dados da Agência Sergipe de Notícias (2016), as entidades buscavam contribuir para a melhoria das condições de vida da população e, de forma especial, da comunidade em situação de extrema pobreza. Levando em consideração isso, o município de Poço Redondo foi uma das localidades escolhidas, considerando seu IDH ser o menor do Estado.

Esse trabalho foi realizado junto às rendeiras da Associação de Artesãos de Poço Redondo (AAMPR) e também com a cooperativa de bordadeiras de Sítios

Novos. Elas participaram de oficinas para aprender novas técnicas de forma a trazer inovação à tradição e assim reposicionar o mercado sergipano, garantindo, segundo o Sebrae (2015), um valor agregado através de novos designs mais contemporâneos, mesclando o local com o global, naquilo que Canclini (2002) chama de cultura popular híbrida, que carrega traços de tradição e preservação ao mesmo tempo que traz consigo um apelo mercadológico e de venda.

Com investimento oriundo do Fundo Estadual de Combate e Erradicação da Pobreza e outra parte do Sebrae, o resultado desse esforço foi percebido em 2016, quando o Centro de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB), no Rio de Janeiro, realizou uma exposição denominada 'Retratos Iluminados', que apresentou luminárias de um renomado design, produzidas a partir da produção das bordadeiras e rendeiras de Sítios Novos, de Poço Redondo e Entremontes, em Piranhas. Além disso, Dadá também foi convidada para ministrar uma oficina em São Paulo. Em 2017 houve nova exposição, dessa vez denominada 'Territórios', também no CRAB a fim de apresentar os trabalhos desenvolvidos pelas artesãs e artesãos da comunidade antes, durante e depois de iniciada a parceria com o IPTI e o CRAB. Além disso, todas as peças produzidas pelas rendeiras da Associação (Dadá, Maria Bonita, Osana, Naninha e Mariquinha) são vendidas na sede do CRAB, no Rio de Janeiro.

Segundo Mariquinha, elas se revezam nas encomendas, pois assim que surgem pessoas querendo comprar, muitas vezes a pessoa quer uma quantidade grande e com o tempo curto, é necessário que todas façam uma parte. Assim, as cinco rendeiras têm conseguido manter uma quantidade de vendas trabalhando de forma coletiva, através dessa relação da Associação de Artesãos do Município de Poço Redondo e o IPTI.

Quando Sebastiana mencionou que a Fundação continuava a desenvolver o trabalho nos povoados de Pedras Grandes e na Barra da Onça, ensinando as meninas da região, Mariquinha nos informou que, pela sua experiência nos outros cursos oferecidos ao longo dos anos no município, as meninas começam a fazer, aprenderam e sabem, mas não querem continuar se aprimorando e passam a trabalhar no comércio como vendedoras ou outras atividades. Segundo ela, o problema que faz com que as meninas capacitadas não continuem trabalhando com a renda é a pouca demanda do mercado e assim, quem consegue um emprego fixo, acaba optando pelo trabalho formal. Ela gostaria de formar um grupo maior para

produzir e vender, mas a procura pela renda não é atrativa o suficiente para um grupo maior.

A situação da renda de bilro em Poço Redondo, assemelha-se com os resultados obtidos na pesquisa de Maria da Luz Góis Campos e Elinete Luisa Lopes (2006), em que as autoras percebem que, com relação à organização básica da cooperativa pesquisada por elas, não existia, no cotidiano, uma discussão coletiva sobre a gestão da produção cooperativa e a participação dos/as associados/as em suas atividades sócio-econômico-políticas. Além disso, perceberam um sentimento de subordinação em relação às decisões das artesãs mais experientes, o que demonstrou que, apesar de legalmente não existir uma hierarquia de poder, as trabalhadoras artesãs aprendizes acabavam por se colocar no papel de subordinadas, constituindo, portanto, um tipo de relação própria do modo de produção capitalista.

Com isso, as autoras apontam que os relatos de sua pesquisa instigam uma redescoberta cidadã do trabalho, com as consequentes implicações políticas, econômicas e sociais de intervenções públicas que, através do fortalecimento da cidadania, imponham direitos sociais como princípios reguladores de setores da economia.

Considerações finais

As ações públicas envolvidas na transmissão dos saberes artesanais das rendeiras mais velhas demonstram um esforço evidente do Governo Federal da época em melhorar o IDH dos municípios mais pobres, enxergando no artesanato uma alternativa de sobrevivência para o enfrentamento do desemprego e da precarização nas relações de trabalho. Além disso, havia o esforço do Ministério da Cultura na época de capilarizar o uso dos recursos para ações mais populares e menos mercadológicas, a partir dos Pontos de Cultura e, em Poço Redondo, havia um ponto atrelado à transmissão do saber da renda de bilro.

Essas ações também acabaram determinando os tipos de capital importantes no campo cultural que se formou na região. As organizações que compuseram o campo das políticas públicas envolvidas na transmissão do saber da renda de bilro em Poço Redondo possuem os seus próprios tipos de capital, mas, para a comunidade, o capital da tradição começou a destacar quem detinha algum tipo de

poder nesse campo, como por exemplo, quem seriam as mulheres convidadas para dar as aulas ou fazer os cursos.

Cabe destacar que as políticas de incentivo, ao tornar possível o engajamento de mulheres com diversos tipos de capitais e competências, possibilitaram recuperar o valor simbólico da renda de bilro e, com isso, o capital simbólico das rendeiras.

Apesar do ambiente doméstico ainda ser um fator limitador importante para a maior parte das mulheres, este não foi o caso das entrevistadas, pois a maioria delas, mesmo com essas limitações, resolveram participar do espaço público e, talvez pela consciência de trabalho coletiva, talvez pelo dinheiro entrando em casa, resolveram modificar a lógica estruturada e participar ativamente dos espaços públicos.

Portanto, o empoderamento dessas mulheres pode ser percebido através do desenvolvimento do componente psicológico, em que elas demonstram apresentar autoconfiança e autoestima que vem se apoiando no componente econômico que o ofício favorece. (STROMQUIST, 1997).

Assim, entende-se que quaisquer políticas públicas, em especial àquelas voltadas para comunidades tradicionais, devem levar em consideração um caráter interseccional, pois são capazes de envolver aspectos políticos, sociais, econômicos, de gênero, entre outros.

Afinal, não basta criar políticas públicas voltadas para a geração de emprego e renda, que sustentam uma sociedade capitalista que é fundada e se sustenta com a divisão sexual do trabalho, na medida em que explora o trabalho feminino. Assim, devemos pensar em políticas públicas que estejam fundadas na luta pela igualdade e pela justiça, já que é dever de todos nós, homens e mulheres, trabalharmos em defesa de um mundo mais humano, com a ética nos diferentes tipos de trabalho, sem hierarquias gendradas.

Referências

ATLAS BRASIL. **Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil**. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br>. Capturado em: 10 de novembro de 2018.

AUGUSTO, Cleiciele Albuquerque et al. **Pesquisa Qualitativa**: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos

congressos da Sober (2007-2011). Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 51, n. 4, p. 745-764, 2013.

BORGES, Rodolfo. Brasil tem maior concentração de renda do mundo entre o 1% mais rico. Em: **El País Internacional**. Desigualdade econômica. São Paulo, 14 de dezembro de 2017. [capturado em: 20 de setembro de 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/13/internacional/1513193348_895757.html].

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. Cad. Pesquisa. vol.37 no.132 São Paulo Sept./Dec. 2007.

CAMPOS, Maria da Luz Góis.; LOPES, Eliete Luisa. Administração da produção artesanal em empresa cooperativa: o caso Copala. **Revista de Administração**. V. 41, n. 2, 2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CRUZ, Maria Helena Santana. **Trabalho, gênero, cidadania: tradição e modernidade**. Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

DANTAS, Beatriz Góis. **Rendas e rendeiras no São Francisco**. Estudos e documentos sobre a renda de bilro de Poço Redondo/SE. Paulo Afonso/BA: Editora Fonte Viva, 2006.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu** (17/18) 2001/02: pp.139-156.

IBGE. **Perfil dos estados e dos municípios brasileiros: cultura: 2014/IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais**. - Rio de Janeiro : IBGE, 2015.

INSTITUTO MARCELO DEDA. **Ponto de cultura resgata tradição da renda de bilro no sertão**. Publicado em 12 de janeiro de 2012. Disponível em <http://www.institutomarcelodeda.com.br/ponto-de-cultura-resgata-tradicao=da-rendade-bilro-no-sertao>. Capturado em: 20 de outubro 2017.

LEÓN, Magdalena. **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Bogotá, Colombia: Tercer Mundo, 1997.

MACHADO, Charliton José dos Santos; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima; NUNES, Maria Lúcia da Silva. **Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares**. João Pessoa: EDUEPB. 2010.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research: A guide to design and implementation**. San Francisco, CA: Jossey-Bass. 2009.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1997.

SANTOS, Josimari Viturino; BEZERRA, Rosely Fernandes. Atuação do PROMOART em terras sergipanas: polos Divina Pastora e Poço Redondo. **Revista de Extensão Universitária da UFS**. São Cristóvão, n. 2, 2013.

SEBRAE. **Bordados e rendas para cama, mesa e banho**: estudos de mercado: Disponível em:<[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/CA146DA3D21F877B832574DC00453EA0/\\$File/NT00039052.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/CA146DA3D21F877B832574DC00453EA0/$File/NT00039052.pdf) >.2011.

STAKE, R. E. Qualitative Case Studies. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), **The handbook of qualitative research** (pp. 443–466). Sage: 2005.

STROMQUIST, N. La búsqueda del empoderamiento: em que puede contribuir el campo de la educación. Em: LEÓN, Magdalena (org.). **Poder y empoderamiento de las mujeres** Bogotá: Tercer Mundo, 1997.

TAVARES, Felipe; PADILHA, Valquiria. Os sentidos do trabalho e a produção artesanal: os casos do luthier e do mestre vidreiro. **Revista Mundi Engenharia, Tecnologia e Gestão**. v. 1, n. 1 (2016). Disponível em: <http://periodicos.ifpr.edu.br/index.php?journal=MundiETG&page=article&op=view&path%5B%5D=80>.

ZACCHI, Marina. S. **Fios de tradição em Poço Redondo**. Rio de Janeiro: CNFPC/IPHAN, 2013

Recebimento: 25/05/2022

Aprovação: 09/06/2022



Q.Code

Editores-Responsáveis

[Dr. Enéas de Araújo Arrais Neto](#), Universidade Federal do Ceará, UFC, Ceará, Brasil
[Dr. Sebastien Pesce](#), Universidade de Orléans, França